



Universidade Estadual da Paraíba

Departamento de Letras

Curso de Letras – Habilitação Português/Inglês

**GILAYANE FERREIRA DOS SANTOS**

**EMMA: UMA LEITURA SOBRE A IRONIA E O FEMINISMO**

**Guarabira – Paraíba  
2014**

**Gilayne Ferreira dos Santos**

**EMMA: UMA LEITURA SOBRE A IRONIA E O FEMINISMO**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito final para conclusão do curso de Licenciatura em Letras, sob a orientação do Prof<sup>o</sup>Ms. Auricélio Soares Fernandes.

**Guarabira – Paraíba  
2014**



É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237e Santos, Gilayne Ferreira dos  
Emma: uma leitura sobre a ironia e o feminismo [manuscrito]  
: / Gilayne Ferreira dos Santos. - 2014.  
38 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Auricélio Soares Fenandes, Departamento de".

1.Emma. 2. Feminismo . 3. Literatura inglesa. I. Título.  
21. ed. CDD 820

Gilayne Ferreira dos Santos

**Emma: Uma leitura sobre a ironia e o feminismo**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Aprovada em 18 / 07 / 2014.

Nota: 9,3

Auricélio Soares Fernandes  
Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes / UEPB

Orientador

Nota: 9,5

Monaliza Rios Silva  
Prof<sup>a</sup> Ms. Monaliza Rios Silva / UFERSA

Examinador

Nota: 9,5

Sueli Meira Liebig  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sueli Meira Liebig / UEPB  
Examinador  
Nota: \_\_\_\_\_

*A minha mãe*

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.” (Arthur Schopenhauer)

## **Agradecimentos**

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida e não somente nestes anos como universitária, mas também em todos os momentos, é o maior mestre que alguém pode conhecer. Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, à minha amada mãe; ao meu noivo que esteve ao meu lado, me ajudou e nunca mediu esforços para me ajudar. Ao meu orientador pela paciência, apoio e confiança.

Obrigada à todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês.

## RESUMO

Este trabalho pretende discutir a ironia e o feminismo na obra *Emma* de Jane Austen. A escritora descreve naquela obra uma sociedade patriarcal com um sutil tom de ironia, enfatizando as condições da mulher no século XIX e sua relação com o casamento, visto como única forma de ascensão social na época. Para uma melhor compreensão do estilo da autora, dividiremos este trabalho em quatro partes. A primeira abordará o contexto histórico cultural da autora e da obra, informações que se tornam relevantes para nossa pesquisa. A segunda procura abordar a influência literária que Austen obteve, o que, de fato, contribuiu para a sua formação como escritora. Na terceira parte adentraremos numa discussão sobre o feminismo do século XVIII ao XX e a criticidade com que Austen encarou esse tema. Finalmente na quarta parte, faremos uma leitura com um enfoque sobre a ironia e como elementos como esses podem ser encontrados no romance.

**Palavras-chave:** Emma, Feminismo, Ironia.

## ABSTRACT

This paper discusses the irony and feminism in Jane Austen's *Emma*. In that work, Austen describes a patriarchal society with a subtle tone of irony, emphasizing the conditions of women in the nineteenth century and their relation to marriage, seen as the only way of social ascension at that time. For a better understanding of the style of the author, we are going to divide this work in four parts. The first one addresses the cultural and historical context of the author's work, information that becomes relevant for this research. The second seeks to address the literary influence that Austen got, what, in fact, contributed to her formation as a writer. In the third part we are going to focus on a discussion about feminism from eighteenth to the twentieth century and the criticality which whom Austen faced this issue. Finally in the fourth part, we are going to do a reading with a focus on the irony and how such elements can be found in the novel.

**Keywords:** *Emma* – Feminism – Irony.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	12
Capítulo 1 .....	14
1.1 Contexto Histórico, sócio-cultural .....	14
JANE AUSTEN: LITERATURA E INFLUÊNCIA.....	17
Capítulo 3 .....	21
O FEMINISMO NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII .....	21
Capítulo 4 .....	29
<i>EMMA</i> : ANÁLISE E IRÔNIA.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38

## INTRODUÇÃO

A obra a que se refere esse estudo, *Emma*, se passa em uma vila nos meados do século XIX no interior da Inglaterra na vila de Highbury, pequena, onde pouca coisa acontece e, portanto, as notícias espalham-se rapidamente. O hábito é descrito com ênfase e o tédio muitas vezes presente na obra retrata a realidade da sociedade na época. Um lugar cheio de habitantes que possuem pretensiosas manias e defeitos uns nos outros. Um romance que retrata a vida cotidiana da época, escrita com uma linguagem, e um tanto irônica característica da autora, que quando jovem escrevia apenas, para a distração familiar.

Faz-se necessário, antes de tudo que façamos uma boa compreensão acerca da vida da autora, ressaltando seu estilo literário e período histórico-cultural. Consequente, iremos analisar a obra ressaltando aspectos importantes e que são necessários para uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo: a ironia. Na mesma, encontraremos elementos e personagens irônicos com histórias cômicas em uma sociedade de comportamentos e costumes patriarcais do século XIX. Contudo, iremos abordar a progressão de um romance entre dois jovens - jovem tanto mimada e superficial; o outro centrado e irônico. Casamento é palavra central da obra, no qual por meio deste, Jane Austen descreve de forma brilhante e inteligente a época na qual a mulher não tinha escolhas: ou casava ou tornava-se refém da sociedade na qual as leis e costumes eram apregoados às mulheres de forma um tanto discriminatória, retratando a educação limitada que as mesmas possuíam.

O romance na época de Jane Austen era uma forma literária dominante. A obra faz uma transição do romantismo e o realismo, características da Era Vitoriana, assim, os dois estilos se fazem presentes em *Emma*, onde o puritanismo era extremo e sempre recaía aos atrativos femininos.

Esse estudo pretende analisar uma das maiores obras de Jane Austen e desta forma demonstrar a sua importância ao retratar ironicamente a visão da sociedade em relação ao casamento. Pretende-se ainda mostrar o quão importante é a obra para por meio de a protagonista mostrar uma visão da mulher bonita, inteligente e rica no início do século XIX e ainda constatar a influência sobre a mesma diante da sociedade. É importante ressaltar também que mesmo com características tão singulares a

personagem ainda revela traços superficiais de uma “mulher” em construção, acarretados talvez, por um poder – de acreditar- de manipular as situações.

Uma personagem, um tanto diferente das outras criadas por Jane Austen, *Emma* é retratada com uma particularidade de poder aquisitivo econômico elevado – justo que a diferencia das demais. Com personalidade forte e cheia de autonomia elementos que fizeram Austen declarar “Eu vou criar uma heroína, a qual ninguém além de mim vai gostar”.

## Capítulo 1

### 1.1 Contexto Histórico, sócio-cultural

Jane Austen escreveu *Emma* durante o século XIX, precisamente no ano de 1814 e após uma revisão sobre a mesma foi publicada em 1815. Faz-se necessário termos um conhecimento acerca desse período para que se compreendam alguns costumes e hábitos dos personagens descritos na obra. Cheio de críticas à sociedade, Austen já com uma literatura “madura” traz traços daquele século, mas ironizando hábitos rotineiros da época.

Durante as suas viagens de visita ao seu irmão Henry que morava em Londres, o qual tinha a finalidade de “cuidar” dos assuntos editoriais da irmã, Jane Austen veio a conhecer o médico do até então príncipe de seu país, que ao descobrir que ela era a autora de *Orgulho e Preconceito* e *Razão e Sensibilidade*, pediu para que ela escrevesse uma obra e dedicasse ao príncipe, e assim Austen o fez, aproveitando-se do fato da mesma não aceitar as condições de vida do príncipe, *Emma* veio para ironizar o retrato de uma época. Além de escândalos esse período foi também marcado por muitas guerras, batalhas entre exércitos faziam de Londres uma cidade agitada.

Para Queiróz (2013) coisas não iam bem, se por um lado o avanço tecnológico marcou o século XVIII, por outro, as relações entre empregado e patrão não eram boas, já que as condições de trabalho eram precárias. Por causa disso, os trabalhadores se uniram e criaram uma espécie de sindicato que visava melhorias de trabalho. Com o fortalecimento da classe burguesa juntamente com o crescimento do proletariado, veio o desenvolvimento dado pelo aumento das cidades por conta das fabricas instaladas; o vapor era usado tanto como fonte de energias como também em gás e eletricidades.

São alguns avanços desse período: a energia elétrica, a indústria do frio e com ela a conservação de alimentos, a utilização de éter como anestésico, o descobrimento dos micro-organismos responsáveis pela sífilis, pela malária e pela tuberculose etc. Somado a isso há o incremento de transporte ferroviário e marítimo e a expansão da comunicação telegráfica (QUEIRÓZ, 2013).

Sendo assim, esse período viria a ficar marcado não só na história da sociedade inglesa, mas também em todo o mundo. Nessa época surgiram teorias que até hoje

trazem um conflituoso debate de ideias e pensamentos, a exemplo da teoria do evolucionismo, de Charles Darwin.

Com essa revolução veio a surgir um movimento literário de grande importância para a sociedade, tendo como países pioneiros a Inglaterra e a Alemanha já na metade do século XVIII e atingiu as demais literaturas europeias e americanas na primeira metade do século XIX. O Romantismo tinha como alvo atingir o nacionalismo e o sentimentalismo do povo. O movimento se deu a partir de toda uma transformação tanto nos aspectos políticos, econômico como também no social, ideológico e artístico.

O nacionalismo, O egocentrismo e a liberdade de expressão eram características do Romantismo e os autores adeptos dessa literatura tentavam transmitir o seu estado de espírito, conectando a felicidade, beleza e inspiração às belas paisagens naturais, que representassem a natureza, como também a representação motivos melancólicos e sombrios. Em meio a esse novo movimento revolucionário, muitos outros começaram a aparecer sob a influência de liberdade de criação.

A forma como Austen relata esse período é extremamente peculiar, uma vez que a mesma detalha a época com bastante essência. Segundo Nascimento (2012):

O contexto da obra literária de Jane Austen retratou o período da sociedade rural georgiana, que antecede as mudanças advindas com a chegada da modernidade. Historicamente, essa mudança se deu por dois fatores: o primeiro, a revolução agrária que inicia a Revolução Industrial; e o segundo, o colonialismo, as Guerras Napoleônicas e a expansão do Império Britânico (p.03).

É nesse quadro de acontecimentos que discutimos o papel da mulher relacionado ao casamento, afinal, isso era uma forma de assegurar um futuro, pois, muitas delas não possuíam meios econômicos suficientes para se manter após a vida adulta. “Nesta sociedade, especialmente a escolha do casamento para as mulheres era uma questão crucial, porque o homem era visto como um detentor do poder” (NASCIMENTO, 2012 p.03). Assim, a mulher seria totalmente dependente dele e a sociedade era considerada como patriarcal, pois a unidade familiar era considerada através de uma vida moral, religiosa e econômica, governada pelos pais de famílias, que tinha autoridade máxima. Nesse sentido, Jane Austen demonstra em sua obra as influências e as transformações que a sociedade inglesa teve no papel da mulher, principalmente no que diz respeito à concepção de amor e casamento. O contexto histórico e social é de fundamental

importância, uma vez que apresenta as limitações impostas pela sociedade do que a mulher poderia ou não fazer, e conseqüentemente podendo interferir em suas decisões.

## JANE AUSTEN: LITERATURA E INFLUÊNCIA

Jane Austen veio de uma família que cultivava o hábito da leitura, o que impulsionou a mesma a seguir a carreira de escritora. *Juvenília*, primeira obra escrita pela autora, assim como provavelmente outros romances da autora, nunca foi publicada:

O período inglês, especialmente o século XVIII, é marcado pela construção e o surgimento do romance. É fato que a importância do contexto histórico, bem como as mudanças sociais ocorridas são relevantes para o fortalecimento deste movimento (NASCIMENTO, 2012 p.01).

Apesar de alguns de seus escritos serem datados ao século XVIII, não podemos classificá-la como autora desse período, uma vez que, sua primeira publicação se deu em 1811. Compreendendo assim os anos de 1809-1817, podemos enquadrar Jane Austen em três períodos:

*Emma* foi escrito em um contexto regencial, isso fica explícito porque a autora remota na obra passagens que remontam um cenário rural, como a vila de Highbury.

No século XIX, houve a disseminação da ideologia da Rainha do Lar. A maioria das mulheres era vista apenas como reprodutoras, e se elas almejassem trabalhar, o emprego feminino só poderia ser o de professora, de governanta, e enfermeira (atividades maternas). Atrelada a essa ideologia também estava as questões do desejo (que deveria ser reprimido) e o decoro como desejável as mulheres da classe burguesa (NASCIMENTO, 2012 p.01).

A sociedade da época também apresenta características regenciais, completa de mesmices e hábitos rotineiros dos quais Austen soube retratar claramente em seu romance. Contudo, o elemento que se destaca é a posição em que a mulher se apresenta na obra, submissa, ou até mesmo por sua auto independência econômica como é o caso da protagonista, mas o fato é, a autora aponta uma realidade diferente entre as moças daquele período.

A seguir, faremos uma breve explanação dos três períodos políticos e sócio-culturais, dos quais podemos discutir a obra *Emma*:

- PERÍODO REGENCIAL

Período em que havia um grande número de mulheres como escritoras e desta forma conseguiam certa independência econômica. Ainda nesse período a literatura gótica predominava fato que pode ter influenciado Jane a escrever um romance que parodia o gótico, denominado “Northanger Abbey”. Tal período que é também permeado de costumes, quando as moças iam à corte da Rainha afim de pretendentes, por exemplo. A conduta da sociedade influenciou muito a Austen, principalmente em relação ao casamento, característica que podemos encontrar na maioria de seus romances. No período regencial, o Rei Jorge III foi diagnosticado insano o que fez com que o Príncipe de Gales- George IV- assumisse o trono. George IV tinha uma vida boêmia, cheia de extravagâncias e adúltera, coisas que desagradaram muitos dos seus súditos, embora fosse casado com Carolina de Brunswick-Wolfenbüttel. O casamento se dera em 1795 e alguns anos após a separação, o príncipe a excluía das atividades oficiais, o que provavelmente aumentou a desaprovação geral da sociedade, inclusive para Jane Austen.

Jane Austen não aprovava tais comportamentos do príncipe e também da princesa, uma vez que ela considerava a posição de Carolina de submissão e aceitação, pois ela nada não fazia para tentar mudar tal subalterna. Sabe-se que *Emma* foi escrito e dedicado ao príncipe e nele encontramos histórias semelhantes da vivenciada pelo então príncipe, forma que Austen encontrou para criticar e ironizar tanto a sociedade da época quando a forma de vida que o mesmo levava.

- PERÍODO ROMÂNTICO

Como já abordamos anteriormente, não podemos apontar uma definição exata da literatura de Austen, uma vez que sua literatura pode se referir a três grandes períodos históricos. Porém, há traços em sua obra que podem defini-la como escritora do Romantismo, que

Tem como princípio a Revolução Francesa, baseando na escola romântica, nacionalismo, sentimentalismo e liberdade de expressão. Na Inglaterra, depois do surgimento das obras de Defoe, Richardson e Fielding, a literatura do século XVIII passou a ser diferenciada com a arte literária praticada até então. O termo romance foi consagrado, nos fins do século XVIII, por estudiosos da literatura, já que Richardson e Fielding não tiveram interesse em dar um novo nome para marcar a diversidade das suas produções com relação ao que se estava fazendo na época (BRAUNER, 2009 p.06).

Desta maneira, Jane Austen apresenta também traços românticos, assim como os escritores e poetas época como Lord Byron, Shelley e Keats. A obra de Jane Austen tem como influência o ambiente rural juntamente com os costumes e cotidiano da época e de relações interpessoais com pessoas de mesma classe econômica que a sua, expondo assim obras com um tom irônico e crítico que faz em relação à sociedade inglesa. Compõe suas personagens a partir da cultura de uma sociedade burguesa e com alguns traços de ideologia. Vem a ser romântica apenas por ter seus escritos publicados nesse período.

O romance é constituído principalmente pelas mudanças históricas e sociais, e em seguida começa a afetar a postura do leitor. Este, por sua vez, é ativo para a consolidação do gênero, pois os leitores também constituem o romance. É importante salientar que o público é o receptor da arte, e também reproduz e produz ideologias. No entanto, há leitores que apenas fazem uma leitura de superfície do enredo, e não a aliam com o contexto histórico e social. (NASCIMENTO, 2012 p.01)

Essas mudanças das quais Nascimento aponta, referem-se ao fato de o romance atingir uma proporção maior de leitura e acessibilidade, algo que não era possível até o século XVII, o que, por sua vez aumentou o interesse de uma gama cada vez maior de leitores.

- ERA VITORIANA

A era vitoriana, período denominado pelo do reinado da rainha Vitória, em meados do (1837-1901) foi um longo período de prosperidade e paz (Pax Britannica) para o povo britânico. Nesse período, os lucros advindos da expansão colonial do Império Britânico, tornaram a Inglaterra um dos países mais ricos do planeta, o que foi ainda impulsionado pelo auge e consolidação da Revolução Industrial e o surgimento de novas invenções. Tais fatores sócio-econômicos permitiram o desenvolvimento de uma grande e educada classe média. Alguns estudiosos compreendem o início do período à época da aprovação do Ato de Reforma de 1832, como início de uma nova e verdadeira era cultural. A era vitoriana foi precedida pela era da regência ou período georgiano e antecedeu o período Eduardiano (GREENBLAT, 2012).

Como antecessora da Era Vitoriana, uma vez que, Jane Austen morreu um ano antes de a rainha Vitória nascer, a mesma fez parte do período do romantismo no contexto geral, tanto histórico quanto cultural. “Insere-se no contexto de uma nação que vive um momento de mudanças devido à crescente industrialização e logo ao descontrole

populacional desencadeado por fatores sociais, econômicos e imperialistas” (BARBOSA, 2007, p. 01).

Passa-se a discutir com mais ênfase questões relacionadas aos direitos de gêneros, (BARBOSA, 2007) as distinções sexuais das quais cada gênero eram submetidos no século XIX traçam a caracterização social das quais ambos eram instruídos a seguir devido o seu gênero sexual. E essa sexualidade, ainda no mesmo século, demonstra o quão eram contestados os conflitos tanto de gêneros quanto do poder aquisitivo da época.

O fato é que essas revoluções influenciaram o contexto literário da época. Afinal, o romance no século anterior continuou a propagar as ideias que eram adequadas para cada classe. Assim, de acordo com a mudança social histórica, neste caso especificamente, visto pelas mudanças de classes, também houve a mudança no foco de como as personagens deveriam agir ou não. A era vitoriana foi um período de mudanças dramáticas que levou a Inglaterra a seu ponto mais alto de desenvolvimento como uma potência mundial (NASCIMENTO, 2012 p.03).

Cheio de mudanças, seja na representação social ou no âmbito econômico, esse período ficou marcado também pela revolução artística que criticava arduamente o modo de vida da nova burguesia e aristocracia a emergir na sociedade inglesa. Escritores como Charles Dickens, William Thackeray, Oscar Wilde, Thomas Hardy, Lewis Carroll entre outros escreviam seus romances e peças com temas relacionados à sociedade da época, como as difíceis condições de trabalho, a fome e miséria e a ascensão e excêntrico modo de vida da classe média londrina, como em *A Importância de ser Honesto*, *Um Marido Ideal* e *Uma Mulher sem Importância*, de Oscar Wilde.

## Capítulo 3

### O FEMINISMO NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII

Para (VASCONCELOS, 1995), a partir do surgimento do romance na Inglaterra no século XVIII, muitos movimentos que representavam a figura da mulher como personagem principal da literatura. Concomitantemente, com a transformação provinda da Revolução Industrial os setores político e econômico entram em mudança, a mão de obra torna-se precária; os papéis tanto para os homens quanto para as mulheres também se modificam e surge uma nova concepção de casamento. Ainda, a mulher deixa de ser coadjuvante e passou a ser protagonista, de dona de casa à operária nas fábricas.

É sabido que em grande parte da história, as mulheres eram desprovidas da maioria dos direitos sociais, políticos e econômicos, se comparadas aos homens. Porém esse retrato já foi pior, principalmente se voltarmos ao século XVII, época que as mulheres eram vistas como mercadorias e a palavra *castidade* era a lei entre elas, vista principalmente como preservação do nome da família. A mulher obedecia ao que a sociedade lhe impusera e sofria muitas represálias sociais e econômicas, tornando-a serva de uma sociedade preconceituosa e patriarcal. Elas não tinham privilégios econômicos e, sem saída para conseguir tal ganho, a solução era o casamento que só acontecia se a família da “moça” dispusesse de um bom dote.

As mulheres que não herdavam riqueza não restavam nenhum bem negociável a não ser o seu sexo, que poderiam comercializar ou no mercado aberto do casamento ou (...) ou no mercado negro”. (VASCONCELOS apud HILL, 1995 p.87).

Ao longo do século XVII e XVIII, a burguesia havia criado um padrão de mulher cuidadosa e submissa, ajudada pela Igreja Puritana que pregava a figura feminina como um ser inferior à figura masculina. Desta forma, a mulher não dispunha de nenhuma opção a não ser seguir ao que a sociedade lhe impusera e teria que manter a sua reputação, devido a isso teria que desfrutar de uma vida de imagem límpida para a família. A mulher deveria dar sinais de boa educação e submissão e mesmo aquelas que não optavam por casar-se, também tinham que seguir uma linha de conduta em que a

sociedade julgava ser a correta. Mary Astell, uma inglesa que não dispôs de qualquer educação formal, após ficar órfã aprofunda-se no mundo da literatura e escrever a respeito da educação da mulher. Ajudada por outras mulheres que buscavam o mesmo ideal de igualdade de gênero, resolve escrever e publicar trabalhos por meios de revistas, o que a fez ser denominada como a primeira feminista inglesa. Sobre a dependência feminina Astell comenta:

Apenas rogo ser informada a quem nós, pobres donzelas sem pai e viúvas que perderam seus senhores, devemos sujeição. Não pode ser a todos os homens em geral, aque todos os homens concordassem em dar as mesmas ordens; nos colocamos, então, como pessoas perdidas nas mãos do primeiro que nos encontrar? Pelos ditos de alguns homens e a conduta de algumas mulheres, pensar-se-ia que sim. (ASTELLapud VASCONCELOS, 1995, p.87).

Movida pelo desejo da igualdade entre o sexo masculino e feminino, Astell não tinha dimensão de que deixaria seu legado e inspiraria muitas outras mulheres que partilhavam de seu pensamento e que futuramente viriam a escrever sobre o mesmo ideal. Após 28 anos de sua morte, surgiria outra célebre defensora dos direitos de igualdade: Mary Wollstonecraft resolve manifestar sua posição mediante a escrita. Em 03 de janeiro de 1792 Wollstonecraft publica o que viria a ser sua obra mais famosa: *A Vindication of the Rights of Woman* (Uma Reivindicação dos Direitos da Mulher), obra em que a autora responde aos políticos e críticos que eram contra as mulheres terem uma educação formal, que elas poderiam ir além de cuidar dos filhos, cuidar da casa e do marido. Tal artigo ainda tinha a finalidade de mostrar a todos a capacidade intelectual do gênero feminino; o trabalho desejava despertar uma mudança masculina em relação à mulher, chegando a citar que o casamento seria uma espécie de prostituição legal, qual a mulher se “venderia” para o casamento. Wollstonecraft tinha em mente que as mulheres só eram sujeitas a tal imposição por não terem uma educação cuidadosa e zelosa. Ainda, as críticas que se faziam às mulheres “masculinas” se originavam devido às qualidades que as mesmas possuíam, e tentar igualá-las aos homens seria algo humilhante.

Nesse contexto, destacamos também obras a exemplo de *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, De Virginia Woolf, escritora, ensaísta e editora britânica, expoente do feminismo moderno. Woolf é também referência da mulher que “lutou” literariamente em busca de igualdade. Aqui, reunimos sete ensaios que abordam esse tema, de forma a fazer uma comparação com os pensamentos da autora. São eles: *Profissões para mulheres*, discurso pronunciado em 1931; *A nota feminina na literatura*, resenha publicada em 1925 no *The Guardian*; *Mulheres romancistas*, outra resenha que data de 1918 e publicada no *The Time Literary Supplement*; *Posição intelectual das mulheres*, que são cartas de 1920 e publicadas na Revista *NewS tatesrman*; *Dois mulheres*, resenha de dois livros de 1923, publicada na *Nationand Athenaeum* e *Memórias de União das Trabalhadoras*, um de ensaio escrito em forma de crônica.

Essas obras tratam de questionamentos sobre o tema e levantam o debate entre autor e leitor, fazendo com que este último repense a visão feminista. (WOOLF, 2013) dá ênfase no que diz respeito à sua arte e como o machismo interfere nesse sentido, mencionando o “Anjo do lar”, uma referência a um poema que faz alusão à mulher e seu papel doméstico. O anjo representaria tudo àquilo que se espera da mulher, como um ser sensível, caridoso, amável, compreensivo, delicado e acima de tudo submissa. É interessante discutir como Woolf trata esse aspecto com tanta sutileza, tornando o mesmo de fácil compreensão. Ao mesmo tempo trata o tema com certa sutileza, sua crítica também aflora de forma um tanto áspera e isso fica explícito no texto intitulado *Mulheres romancistas* (2013, p.25). Woolf traz à tona argumentos levantados por George Eliot, nome que ela usava como pseudônimo em seus escritos, o que para ela era uma forma de Eliot ser julgado imparcialmente pela sociedade da época. Virginia sabia que o destino da mulher já estava traçado a partir do seu nascimento, e que perante a sociedade não havia muitas escolhas a se fazer.

De modo abrangente, os textos dessa obra abordam a questão do papel da mulher na sociedade, do século XIX, XX e mesmo na atualidade. Woolf (2013) com seus fortes argumentos nos deixa indagações a respeito do tema. A obra reflete e discute o pensamento do por que as mulheres ainda são o segundo sexo. É justamente sobre o *Segundo Sexo* em que discorreremos nas seguintes linhas, obra de 1945 que gerou polêmica através de ideias, e resultado de pesquisas, cujas intenções eram mostrar à sociedade da época a luta que muitas mulheres travavam em busca da igualdade de

gêneros e de um tratamento não-inferior ao do sexo masculino. Abrangendo vários assuntos e revelando experiências de como uma mulher deve se portar perante a sociedade, Beauvoir faz comentários acerca da identidade e da maneira como a mulher é tratada desde menina até se tornar mãe:

Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, senos recusamos também explicá-la pelo "eterno feminino" e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: que é uma mulher ? (BEAUVOIR, 2009 p.13)

Para Beauvoir (1970), a definição de *mulher* já se apresenta desde as antigas mitologias, traçando um pensamento de dualidades e justificando o papel da mulher como um ser frágil categorizado pelo homem. Mediante o estudo, a autora ainda discorre sobre a aceitação de algumas mulheres em serem, de fato, deixadas como segundo plano, chegando a denominá-las como “objeto”, ou seja, aquela mulher serva do lar, sempre preocupada a servir a família e que passa despercebida por todos, o que para Beauvoir era uma maneira do sexo masculino manter seu posto de autonomia.

Na visão de Simone de Beauvoir, a educação de submissão da mulher se dá desde cedo, o que de certa forma, faz com que a mesma cresça e se acostume com total submissão, o que difere, por exemplo, da educação de um menino que aprende que tudo pode e que ao crescer tenderá a exercer certa influência sobre o sexo feminino. Essas separações entre gêneros que as mulheres sofriam são questionadas durante toda a obra. Tal dimensão da obra levanta o debate sobre a posição em que a mulheres tinham a obrigação social de ser. A autora certamente tinha um intuito de desmistificar o “ser mulher”, e deixar de ser o “outro” como chega a citar e assumir sua posição diante da sociedade que a oprimia e desqualificava.

Nesse mesmo pensamento, apontamos a presença da obra de Jane Austen, ressaltando a posição em que a mulher ocupava e, o casamento como único objetivo e único destino da mulher, como uma negociação, realizado quase que estritamente por conveniência, fosse por questões sociais ou econômicas, também fazia parte da realidade de ambas (CHIEREGATTI, 2013), pois a autora critica, de uma forma um tanto humorada, a sociedade e os padrões sociais e econômicos da mulher e sua relação com a sociedade da época.

Vale salientar que no período em que Austen viveu não existia nenhum movimento a favor da igualdade de gêneros e mesmo assim a mesma se sentiu motivada a abordar a respeito de tais assuntos em seus romances. Em *Emma* podemos

percebemos traços de uma protagonista que recebe uma educação adequada da época para uma mulher: tocar piano, ter bons modos e pintura. Estas e outras formas de educação e boas maneiras a que *Emma* era imposta, eram consideradas predicados para as moças; e se elas possuíssem essas qualidades, eram consideradas apreciáveis para casar.

É interessante notar também que ao passo em que a protagonista tem todas as características de que uma mulher deveria ter, a mesma não apresenta traços em querer casar. Afinal, um aspecto que difere esse romance de Austen dos demais, é que a protagonista possui *status* econômico relevante e devido a isso exclui o fato do matrimônio. É o que podemos perceber no diálogo a seguir entre Harriet e Emma:

- Admira-me muito, Miss Woodhouse, que a senhorita não tenha se casado nem esteja por fazê-lo! Tão encantadora como é!

(...)

-Não tenho nenhum dos motivos que as mulheres normalmente têm para se casar (AUSTEN, 2012 p. 45).

O casamento é o fator principal dos romances de Austen, na obra em questão o mesmo aparece com ênfase.

A autora cria uma subversão da ordem do casamento, em que para a sociedade Burguesa era realizado, a fim de perpetuar a classe, através da concepção de família nuclear, pois havia a necessidade de uma mulher para retratar e compor essa família. Assim, havia uma educação para as mulheres se casarem o quanto antes, caso contrário, dependeriam da renda da família para continuar sobrevivendo nessa sociedade. Caso, a família fosse de um ranking social inferior, a mulher precisaria viver de favores de amigos, e benfeitores. (NASCIMENTO, 2012 p.06)

Assim, para as mulheres terem a chance de conseguir um bom casamento era preciso ter uma educação-padrão da época, ou até mesmo um bom dote. Para aquelas que não possuíam uma situação financeira considerável, muitas recorriam a um casamento que lhe assegurassem tal conforto, como é o caso de Harriet, que admira a aptidão de Emma em ser educada, inteligente e bonita, porém, sem nenhum preceito de casar-se.

Jane Austen apresenta em um enredo aparentemente voltado ao amor, o conflito das mulheres do final do século XVIII e início do século XIX o qual subverte a ordem burguesa em relação ao posicionamento ideal esperado de uma mulher, nas relações afetivas e conseqüentemente em sua postura em relação ao ato de se casar. É importante destacar que a autora enfatiza as características

econômicas da época como fundamentais para as relações de convívio dessa sociedade, aborda assuntos como diferenças de ranking social, dote, casamento arranjado e relações de interesses em uma ascensão social (NASCIMENTO, 2012, p.05).

Em *Emma*, a autora escreve em algumas passagens acerca da admiração de certos personagens em por outros, referindo-se às mulheres e destacando as “boas maneiras” que algumas apresentam. Essa seria uma forma que a autora usa para criticar a forma de como as moças eram educadas. Ter boas maneiras significava que a moça era digna de se ter um bom casamento.

em todas as suas narrativas, Jane Austen traz o cotidiano para o primeiro plano, assim, permanece atual por tratar sobre o ‘comum’, as relações interpessoais e temas presentes no cotidiano de famílias do interior da Inglaterra, como casamento e classes sociais, que não diferem muito dos da sociedade atual, inclusive na sociedade brasileira, embora tenha se passado tanto tempo” (CHIEREGATTI, 2013 p.35).

Destarte, na obra podemos observar tais aspectos descritos por Chieriegatti, uma vila com habitantes de hábitos rotineiros que muitas das vezes chegam a ser cômicos, como o Sr. Woodhouse, pai de Emma, que apresenta traços de um hipocondríaco, a necessidade do casamento para as mulheres que vem a ser representado por Harriet e de uma protagonista um tanto superficial, egoísta e imatura e que pensava ser um cupido.

O fato de ter condições financeiras instáveis torna-se um lance perfeito e influenciável, para Harriet freqüentar a vila de Highbury. É o que Austen cita em um diálogo entre Emma e a concubina:

“- Mas em quanto eu for aceita em Hartfield, e a senhora for tão boa para mim, Miss Woodhouse, não tenho medo do que alguém possa me fazer.” (AUSTEN, 2012 p.17)

Vale ressaltar que os casamentos se davam por intermédios de pessoas da mesma classe financeira, o que diminuíam as chances de Harriet ter um “bom” casamento. Emma então vê aí uma oportunidade de pôr mais uma vez em prática sua habilidade de juntar casais e tenta juntar a Harriet a Mr. Knightley, porém, a mesma se apaixona por Mr. Martin, um cavaleiro de mesma condição financeira que a sua, o que desagrada Miss Woodhouse.

- Acredito Harriet, que desde que você começou sua amizade conosco tem estado com tanta freqüência na companhia de cavalheiros de verdade, que deve ter se impressionado com a diferença entre eles e Mr. Martins. Em Hartfield você viu vários homens bem-educados e bem nascidos. Eu ficaria surpresa se, depois de vê-los, você pudesse ficar na companhia de Mr. Martin sem perceber o quanto ele é inferior, e se perguntar como pode um dia achá-lo um dia um homem agradável. (AUSTEN, 2012 p.18)

Nessa conjectura Jane Austen ressalta a importância de se ter um bom casamento e através de Emma tenta transmitir o pensamento da sociedade da época para com as mulheres.

O convívio social também é presente na obra: salões, bailes e festas eram sempre aconteciam em Hartfield, o que se tornava um artifício para as moças conseguirem um bom casamento.

Festas, reuniões musicais e bailes eram constantes na época, desenhavam a vida social tanto nos aspectos do lazer quanto nos mais especificamente da difusão de informação, e, uma vez que as moças eram educadas com base na visão masculina de uma estrutura patriarcal, com o objetivo de agradar aos homens e conseguir bons casamentos, a aparência era fator primordial: as moças deviam estar sempre impecáveis, femininas e delicadas (CHIEREGATTI, 2013 p. 32-33).

É interessante também atentarmos para o tema do casamento, uma vez que, as mulheres não podiam deter posses econômicas, pois isso era assegurado ao pai ou então ao irmão mais velho. No caso de Harriet, que não possuía ambos, a situação tornava-se ainda mais deplorável. Desde cedo as mulheres eram instruídas a aprender a cozinhar, bordar, tocar piano e rara às vezes aprender a ler (geralmente quem possuía tal regalia eram as meninas de família detentora de posses), tendo muitas das vezes como saída o casamento, porém, essa situação não mudava totalmente já que ficava a cargo do marido cuidar dos bens da família.

Austen nos seus romances toma dois passos importantes em direção à visão feminista moderna sobre o casamento. Primeiro ela questiona a necessidade do romance clichê e depois aponta várias vezes que o casamento é um contrato social e material (EVANS 1987, p.46 apud PACHECO 2011, p.3)

Nada de romantismo, o casamento era algo a ser tratado como escolha pessoal, apenas como interesse econômico e por conveniência ou por ambos e isso é retratado na

obra em questão. Nesses contratos, tanto se envolviam os pais da “moça” quanto os pais do pretendido, havia em jogo interesses políticos e econômicos de ambos. Nesse contexto, Austen trás dois contrapontos: primeiro, pela personagem principal que não se interessa em casar, pois, a mesma possui uma posição social elevada e uma condição financeira satisfatória (o que a difere dos demais romances de Austen onde as protagonistas tinham uma condição inferior), o que a faz não pensar em matrimônio. Segundo, nos deparamos com Harriet, com uma vida totalmente diferente da de Emma.

É nessa conjectura que a Srta. Woodhouse tenta aproximar Harriet de Mr. George Knightley, vigário e possuidor de boas posses, para que assim, ele possa lhe oferecer uma vida confortável. Nesse sentido, temos uma visão de uma protagonista supérflua, o que nos traz uma indagação sobre a dualidade da mesma: Emma estaria preocupada com o futuro de sua amiga Harriet ou apenas tentando se autopromover como cupido? Para responder tais questionamentos devemos analisar o perfil da protagonista, que mesmo sendo órfã de mãe desde pequena, sempre foi mimada pelo pai Sr. Woodhouse descrito na obra como um homem cheio de virtudes e graciosidade que cresce em meio a um ambiente rural e conseqüentemente pacato. O Sr. Woodhouse vive desde pequeno ao lado da irmã Isabella, que não obstante, segue o que é predestinado a toda mulher da época: casar. Assim, Emma passa a morar apenas com seu pai e uma governanta, do qual a moça é confidente e tem apreço maternal. Emma, cheia de autonomia, pensa ser a responsável pelo matrimônio de sua governanta. Portanto a moça estava sempre ocupada, procurando a quem ela possa se servir de cupido.

Além disso, a voz feminina é propagada; uma vez que se levarmos em consideração a época histórica em que a autora escreveu, era muito raro a sociedade dar voz a mulher. Desse modo, Jane Austen foi precursora e incentivou várias autoras também de renome na literatura inglesa, além de colaborar com os estudos feministas e o estudo das relações de gênero (NASCIMENTO, 2012 p.05).

É relevante atentarmos para essa citação de Nascimento, uma vez que, na época em que Austen viveu não se fazia presente as mulheres na literatura, ou, por muitas vezes as que se engajavam em escrever usavam algum pseudônimo, feito que a autora também o fizesse ao principiar em seus escritos.

## Capítulo 4

### EMMA: ANÁLISE E IRÔNIA

Em *Ironia e Irônico*, Mueck (1995) faz um estudo detalhado sobre a ironia desde a eclosão das teorias de Platão até a época atual. O autor aborda um diversificado conceito de ironia que aborda desde o “tom” até outras técnicas que se usam para inserir o mesmo. É nesse sentido que o autor ressalta a importância de um leitor bem atento, para que este possa identificar a ironia, pois muitas vezes a ironia pode vir “camuflada” no texto.

O autor não deixa tal conceito bem definido em sua obra, já que a aceção é efêmera e que ao longo do tempo a palavra sofreu alterações sobre o seu significado, chegando até os dias atuais a ter múltiplos significados.

Dizer que a história é o registro da falibilidade humana e que a história do pensamento é o registro da descoberta recorrente de que aquilo que garantimos ser a verdade era, na verdade, apenas uma verdade aparente equivale dizer que a literatura sempre teve um campo incomensurável onde observar e praticar a ironia (MUECK, 1995 p.19).

Para Mueck (1995), a ironia é algo instrumental, ou seja, é aquilo em que o leitor vem a perceber através da linguagem. No entanto, ela vai além, podendo o leitor observá-la além da linguagem e encontrá-la em sua imaginação, criando assim um cenário irônico. Portanto, faz-se necessário que o leitor saiba ler e interpretar nas entrelinhas do discurso, identificando e “criando” a ironia.

De acordo com o autor, a ironia oferece o papel para que possamos encarar a vivência de forma cômica ou até mesmo com austeridade, fato bastante expressivo na obra *Emma*, de Jane Austen, que se utiliza de tal artifício para descrever e ironizar a sociedade da época. Retornando, Mueck aponta a importância prévia que o leitor tenha um maior conhecimento acerca da ironia, pois só assim ele será capaz de identificá-la em diversos contextos. Vale atentarmos para o fato de que ironizar não é o mesmo que dissimular, entretanto o primeiro impregna-se de forma dual a sua interpretação.

Todos os tipos principais de ironia que foram praticados e todas as classes de fenômenos que ora consideramos irônicos foram reconhecidos, com maior ou menor clareza, como ironia. A partir de então, quase tudo pode ser classificado ou como reformulações, redescobertas, distinções entre a ironia “real” e a “chamada” ironia, esclarecimentos, classificações ou subclassificações; ou pode ser encarado como discussões mais gerais da natureza da ironia, seu lugar na vida intelectual e espiritual do homem e seu lugar com relação a outros modos literários. (MUECK, 1955 p.46)

Mueck descreve várias formas de ironia e ressalta que cada autor a usa da forma em que acha necessário; utilizando artifícios e praxe de cada ciclo. Nesse sentido, a ironia tem caráter de incitação e assim cria várias possibilidades de interpretação, fazendo com que o leitor tenha uma participação ativa.

Baseando-nos na teoria de Mueck (1995) e outros autores, adentraremos numa leitura e interpretação da obra *Emma*, de Jane Austen, considerando a ironia como categoria e discurso norteador do referido romance.

Escrito em 1814 e publicado em 1815, *Emma* é permeado de críticas à sociedade da época. Com personagens marcantes, Austen traz discussões acerca do casamento, do poder de influência de algumas pessoas sobre outras, a aquisição econômica e a posição da mulher diante da sociedade.

Assim como o título, o nome da personagem principal também é Emma – uma diferenciação dos demais romances escritos por Austen - o que nos leva a crer que a autora tinha um afeto especial pela obra. Emma Woodhouse é uma jovem bonita, inteligente, mimada e de *status* social elevado. É também incrivelmente perdida em suas próprias opiniões, possuidora de uma personalidade única. No entanto, ela superestima seu poder de manipular as situações, assim como não percebe os perigos de interferir na vida das pessoas e engana-se facilmente sobre o sentido das intenções e atitudes alheias. Com 21 anos, Emma apresenta uma personalidade um tanto imatura e tenta vivenciar um mundo de fantasias; a jovem tenta também de todas as maneiras desenhar o futuro das pessoas que as rodeiam, sobretudo, na vida de Harriet, a quem à faz de marionete, impulsionando-a para o casamento do qual lhe renderá uma posição de destaque mediante a sociedade.

Com tais traços atribuídos a Emma, Jane Austen chegou a afirmar “*Eu vou criar uma heroína, a qual ninguém além de mim vai gostar*”, mas no desenrolar do romance temos uma melhor visão acerca da personagem.

Outros aspectos que definem *Emma* além dos outros romances é que ele é o único intitulado com o primeiro nome da heroína - um fato que sugere intimidade e já cria uma expectativa de importância do caráter como sua individualidade; reveladora, ao contrário de todas as outras heroínas de Austen, que estão socialmente desfavorecidas e, portanto, dependentes de casamento para a segurança financeira, é rica suficiente para não depender de casamento para a posição social (AZERÊDO, 2009, p.78:79 – tradução minha)<sup>1</sup>.

O romance traz descrições de paixões que surgem principalmente ao final da trama, mas que a todo instante se fazem presentes, com um brilhantismo que Austen consegue envolver-nos nos mais variados temas que a obra aborda.

É num evento importante que a história começa: o casamento de Miss Taylor – governanta de Emma – com Mr. Weston. Emma julga que a união de ambos só havia se concretizado por interferência sua, e por isso pensava que conseguia entender as coisas do coração melhor que todo mundo. Muito imatura, ela pensa ser o maior cupido de Highbury, e com isso pensa ser responsável pelos casamentos de sua irmã e de sua governanta, o que de fato não é verdade. No decorrer da obra, Austen descreve o cotidiano dos habitantes de Highbury: o comportamento de determinadas pessoas, uma mais faladeira e outra mais calada, uma fofoqueira outra mais conservadora, além das festas que acontecem na cidade e da presença marcante da alta sociedade; Emma está sempre presente nelas, de forma a chamar a atenção, seja pela beleza ou pela elegância.

Com a ausência de Mrs. Weston em Hartfield, Emma passa a ter amizade com Harriet Smith, e assim tê-la como confidente. Harriet é uma jovem bastarda, simples e humilde, sem nenhum futuro promissor de casamento devido suas condições financeiras. Em um verão anterior, a mesma atraiu a atenção de um jovem fazendeiro e irmão de duas de suas amigas da escola: Robert Martin ficou impressionado com a

---

<sup>1</sup>Another aspects that sets Emma apart from the other novels is that it is the only novel entitled after the heroine's first name - a fact that suggests intimacy and already creates an expectation of the character's importance as to her individuality; revealingly, unlike all other Austen heroines, who are socially deprived and thus dependent on marriage for financial security, Emma is rich enough not to depend on marriage for social standing.

simplicidade e pureza que a mesma possuía. Emma, porém, tem outros planos para a amiga, planos que não incluem o fazendeiro apaixonado, mas sim o vigário de Hartfield-Sr. Elton-, pois, seu status perante a sociedade é mais elevado que o de Robert Martin. Contudo, ao fazer isso, Emma não se preocupa com felicidade da amiga, mas sim em enaltecer o seu ego de casamenteira. É interessante notar que Emma não faz isso por maldade, mas sim, por sua imaturidade.

Ainda, instruída a ser da alta sociedade pela a Srta. Woodhouse, Harriet se depara com algumas paixões, mas não tem qualquer interesse de viver um romance a não ser que seja por alguém que realmente ela o ame. Contudo, Emma usa seus artifícios para fazer que Harriet mude de ideia, o que de fato, acaba conseguindo. Cheia de artimanhas e com seu poder de persuasão, a Srta. Woodhouse quer “desenhar” um futuro mais proveitoso para a amiga.

Todas as tentativas de Emma em juntar Harriet a Sr. Elton são frustradas, já que ela não pensava na felicidade dos dois, mas sim de como seria vista por todos e assim, não enxergava que Sr. Elton tinha olhos para outra pessoa. Entretanto, ao apresentar uma personagem egocêntrica como Emma, Austen se preocupa em mostrar uma sociedade comum, com características que poderemos encontrar nos dias atuais.

O desejo de Emma em ficar solteira – afinal de contas ela é mais linda, e o mais importante de tudo, rica de todas as amigas, contribui para um bom casamento – sua necessidade de tentar juntar outras pessoas, seja como uma forma de diversão ou até mesmo como forma de piedade, principalmente se isso estiver ligado à Harriet.

São justamente essas “falhas”, seja por imaturidade ou até mesmo por ego em relação à Emma, que Austen traz a dualidade da personagem. Ao passo que a mesma apresenta essas características negativas ela também mostra um lado gentil e dócil, ressaltando assim o caráter feminino e sua essência. Nota-se que apesar de Emma apresentar falhas e virtudes, Austen se preocupa em mostrar que apesar de tudo, o fim sempre vem nos ensinar uma lição de moral, algo que a própria Emma aprende no desfecho do livro. Suas tentativas falhas de se tornar um cupido, a vida rotineira dos habitantes de Highbury e os desentendimentos dos mesmos com assuntos banais, são elementos de crítica que a autora faz a sociedade da época.

É nesse contexto de conversações que se insere a ironia presente em toda a obra, assim Mueck (1995) afirma: “o que é a ironia e como ela atua; para que serve e o que vale; de que é feita e como é elaborada; como a conhecemos quando a vemos; de onde provém o conceito e para onde vai” (p.18).

Para o autor, a definição em relação à ironia é abstrata: “Somente se pode definir aquilo que não tem história” (NIETZCHE apud MUECK, 1995, p.22). Por esse conceito ser variável, ele depende de fatores como, tempo, espaço, situação, conforme sua compreensão de mundo. Pois, “o conceito de ironia a qualquer tempo é comparável a um barco ancorado que o vento e a corrente, forças variáveis e constantes, arrastam lentamente para longe de seu ancoradouro.” (idem, p.22)

Jane Austen utiliza intensamente esse elemento na obra. É sabido que a mesma escreveu *Emma* para criticar - elemento bastante perspicaz que a ironia pode trazer- não só à sociedade, mas também o príncipe regente da época que vivia uma vida boêmia, que ela não aprovava.

Na introdução do livro *Jane Austen onthescreen: A studyofirony in Emma*, Genilda Azerêdo acrescenta:

“(…) pelo fato de seus romances serem caracterizados por um estilo e tom irônicos, estando à ironia presente não só nos diálogos das personagens, mas principalmente na voz que constrói a narrativa, a voz do narrador.” (AZÊREDO 2009 p. 39).

Temos em *Emma* um narrador em primeira pessoa que não somente usa as falas dos personagens para ironizar alguém, mas sim todo o contexto da trama. Tal aspecto torna-se explícito através da protagonista que a todo instante quer fazer com que Harriet vivencie uma posição social da qual não ela conhecia. Um leitor atento perceberá que Austen usa desse artifício para “promover” um tipo de ironia, que “aparece” nas entrelinhas, já que Emma usa Harriet para tentar se transformar em uma pessoa melhor. Podemos conceituar informalmente a ironia como algo oposto ao que se quer dizer e/ou algo que não foi dito, mas que o contexto prospera para tal.

Voltando a Mueck (1995), que cita que Teofrasto denominava ironia como algo a ser dito sem alguma finalidade sem o intuito de se dar uma resposta direta.

Miss Fairfax, em *Emma* assemelha-se a um *eirón* teofrastiano quando se recusa a exprimir sua própria opinião:

‘Ele era bonito?’, pergunta Emma e não obtém outra resposta senão: ‘Acredito que ele fosse considerado um jovem muito fino’ (MUECK 1995, p.31)

Assim, a partir dessa afirmação, concordamos que Austen convida-nos a participar de uma leitura em que o leitor busque identificar a ironia, seja na fala dos personagens ou conseqüentemente no contexto em que o romance se insere, já que a autora usa do artifício da ironia para criticar a sociedade, os costumes e as relações de poder entre mulheres e homens, algo que a deixava totalmente revoltada. Sendo assim, a autora partilha dessa figura de linguagem com todos os personagens, seja ele principal ou secundário o que é ainda mais enfatizado pelo ambiente em que o romance se constrói. Assim, podemos observar um tipo de ironia denominada de *ironia verbal*, ou seja, algo que não se pode levar ao pé da letra. A fala de Miss Fairfax no exemplo citado acima, trás o oposto do que ela queria falar, que é uma categoria de uma ironia verbal.

Para Linda Hutcheon (*apud* Alvarce, 2009), a ironia tem ainda a característica de “julgar” excessivamente o evidente para confirmar uma discussão e esse elemento, a autora classifica como ironia semântica: aquela em que o contexto ou uma conversação vem a levar como um ato a ser julgado e/ou questionável. Na obra em questão, encontramos um trecho que exemplifica o que foi citado. Após Mr. Elton ao escrever uma carta para Harriet mencionado seus predicados e inteligência, no entanto, quem a lê é Emma e que a julga como um exagero e até mesmo como uma bobagem:

“Hum... A sagaz inteligência de Harriet. Um homem tem que estar muito apaixonado para descrevê-la dessa forma.” (AUSTEN, 2012, p.39)

Austen, assim como *Persuasão* usa em *Emma* a ironia ficcional, na qual o leitor é induzido a formar uma imagem acerca de um personagem, mas com uma reflexão perceber-se-á a verdadeira intenção do personagem, criando assim uma imagem errônea acerca do mesmo (MUECK, 1995). Assim que percebemos tal característica na protagonista, tendemos a crer que a mesma seja uma “vilã” ao tentar modificar Harriet e tentando manipular a maneira que ela se comporte com que ela se comporte e aceite suas vontades, porém, ao instituir isso, Emma sabe que se a amiga não casasse com alguém que tivesse um status econômico superior ao seu, seria muito mais difícil arrumar um casamento. Jane Austen nunca aceitou o comportamento da sociedade para com a educação que as mulheres tinham e isso a deixava consternada. Como sabemos, a autora viveu no período regencial, o que a fez descrever em seu romance características

da época, como o ambiente rural e uma sociedade preconceituosa, onde o casamento era tratado como negócio. Com relação às mulheres da época regencial, Agostinho (2006) adiciona:

Suas heranças, geralmente, eram pequenas e não lhes era dado o direito de desenvolver uma profissão com a qual pudessem se tornar respeitáveis. Se uma mulher, mesmo sendo “bem-nascida”, não se casasse e não tivesse alguém na família que lhe sustentasse, só lhe restava à opção de ser governanta ou professora em uma escola para moças. Mesmo assim, não era uma posição que atraísse “bons casamentos” (TEACHMAN, 1997:3-4 *apud* AGOSTINHO, 2006, p.17).

Para Johnson *apud* (AZÊREDO, 2009), Emma tem analogia com Deus, em querer modificar o futuro de certas pessoas, como no caso de Harriet. Entretanto, o fato de considerar Emma como Deus, este último vem a ser a representação do sexo masculino e que a protagonista tem peculiaridades com tal gênero, uma vez que, sua autonomia, liberdade, independência e um tom irônico são particularidades que o Homem – figura masculina- possui e o que contrapõe com a configuração de mulher o que a diferencia tanto de sua irmã Isabella quando de Sra. Weston esposas submissas para seus maridos. Azerêdo (2009) corrobora com a questão de o narrador nos convidar a uma discussão sobre o processo de leitura e interpretação. Porém na personagem Emma, o convite é duplo, porque a história de *Emma* na verdade consiste de dois níveis de histórias: a fornecida pelo narrador, e os da própria *Emma* como um ser que inventa. Termos como “fantasia”, “fantasiosas”, “esquemas”, “planeja”, “imaginação” estão presentes por toda a narrativa para se referir à propensão da personagem para a criação de histórias. São esses aspectos na protagonista que podemos perceber o quanto ela ainda é imatura e, portanto, pensa poder mudar o destino de algumas pessoas no romance. Nessa conjectura de dualidade presente em *Emma*, Muecke (1995, p.116) aponta que entre um e outro contexto, podem haver diversas ocasiões na qual a ironia se faz presente. Assim, de um lado, a autora pode “romatizar” a vida interior de suas personagens e, de outro, “banalizar” o âmbito social delas. O romancista pode, de um lado, “romantizar” a vida interior de suas personagens e, de outro, “banalizar” o contexto social delas:

Devemos lembrar aqui o fato da ironia, a partir de uma visão linguística, ser uma construção da linguagem, enquanto pelo viés da filosofia a ironia é uma atitude ou uma espécie de marca de personalidade (BRAUNER, 2009 p.04).

A partir dessa afirmação, destacaremos a ironia instrumental, que é um tipo de ironia que considera a linguagem como um instrumento para se acontecer (MUECK, 1995), ou seja, a linguagem será um fator que indicará a ironia no contexto. O autor ainda atenta para o fato de que na ironia instrumental, o ironista diz alguma coisa para vê-la rejeitada como falsa; quando exhibe uma ironia observável, o ironista apresenta algo irônico – uma situação, uma personagem, uma crença etc.- que existe ou pensa existir independentemente da apresentação. No trecho a seguir, de uma conversação entre *Emma* e Mr. Knightley referente à Harriet, percebemos a presença da ironia observável:

- Não a considero tão bela como você- disse ele- mas é uma criaturinha bonita, e acho que tem um bom temperamento. Seu caráter depende das companhias, mas acredito que em boas mãos se tornará uma mulher de valor. (Mr. Knightley)
- Fico feliz que pense assim; e as boas mãos, espero, não faltarão. (AUSTEN 2012, p.31)

A palavra “espero”, citada pela protagonista, caracteriza-se como ironia observável, uma vez que ao cita - lá, a personagem não deixa um questionamento, mas sim, a possibilidade de que por intermédio dela, Harriet venha a conseguir um bom casamento.

Esse “dizer não dizendo” ou “mostrar não mostrando” necessita, portanto, de um leitor atento e, principalmente, a ironia, para ser entendida, precisa de um leitor inteligente, que saiba ler as entrelinhas do texto (...) um leitor que saiba entender e compreender o narrador da história. (BRAUNER, 2009 p.03)

Finalmente, chamamos a atenção para a fala de Mr. Knightley no trecho em que o mesmo cita, “seu caráter depende de boas companhias”. Já é sabido que para as moças da época terem uma boa índole precisar-se-ia ter um relacionamento com pessoas de influência perante a sociedade. Austen descreve muito bem esse tipo de crítica em passagens durante a obra. Essa forma de crítica pode ser caracterizada como uma ironia, uma vez que, como já citado no contexto da ironia observável, não só traz elementos na fala para se caracterizar como tal, mas também, em um contexto, em uma situação.

Assim, a partir de nossa pesquisa bibliográfica, concluímos que Austen utiliza artisticamente esse artifício para relatar o quão opressora era a sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX, a partir de seus personagens descritos no presente trabalho. É

importante também ressaltar a ironia para descrever a protagonista, que usando de sua persuasão, tenta fazer com que Harriet arranjasse um casamento por status e não por amor. O final do romance também pode ser interpretado como lição de moral para Emma, já que sua amiga se rende ao matrimônio não por status econômico, mas sim por amor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Emma*, de Jane Austen, assim como sua obra de uma forma geral, podem ser explorados a partir de várias abordagens, mas ressaltamos que a ironia e o feminismo, se fazem mais claramente representados, principalmente acerca da vida, costumes da época que a escritora viveu. Austen também pensava sobre o casamento e a posição da mulher mediante a sociedade inglesa do século XVIII, algo tão presente na obra em questão.

Nesse estudo, podemos compreender um pouco mais sobre essa adversidade encontrada pelas mulheres de sua época e da qual a mesma vivenciou e que lhe causava preocupações, e isso torna - se claro em suas obras, que sempre abordam esse tema. Em *Emma* podemos perceber essa aflição em várias passagens da obra.

Jane Austen aborda essa questão, sempre com um tom de ironia e através disso, critica a sociedade que traçava o destino das mulheres, algo que a deixava impetuosa, como claramente percebemos em *Emma*. Essa facilidade com que ela trata o tema e com tamanho conhecimento nos trás uma consciência sobre as questões de gêneros enfrentadas pelas mulheres na Inglaterra no século XVIII.

Sabe-se que ao longo do tempo muitas mulheres lutam por seu espaço mediante a sociedade. Austen que publicou *Emma* há quase duzentos anos, mas o romance ainda aborda assuntos que repercutem até os dias atuais e que fazem com que repensemos acerca da igualdade de gênero e nos deixam a mercê de uma sociedade que ainda se faz majoritariamente patriarcal.

As qualidades de seus romances são tamanhas e muitos são adaptados em filmes, séries e outros meios artísticos, ganhando cada vez mais importância e permanência da cultura de massa contemporânea e trazendo para os nossos dias a vida de moças e de suas dependências familiares, que eram apregoadas as mesmas, através do rígido contexto social dos séculos XVIII e XIX. Jane Austen permanece como uma autora que soube como ninguém abordar temas polêmicos, com uma linguagem tão sutil e que deixou um legado riquíssimo, podendo ser denominada de *escritora imortal*.

## Referências Bibliográficas

ALAVARCE, C. d. S. **A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

AUSTEN, J. **Emma**. [S.l.]: Broadview Press, 2012.

AZERÊDO, G. **Jane Austen on the Screen: A Study of Irony in Emma**. [S.l.]: Editora Universitária da UFPB, 2009.

BARBOSA, R. C. A Inglaterra vitoriana e os usos do passado: Literatura e influências. **História & Ensino**. UNESP, São Paulo: UNESP, 2007.

BEAUVOIR, S. d. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo, [n.e.] 1970.

BRAUNER, E. F. "Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto". **Nau Literária**, v. 5, n. 2, 2009.

CHIEREGATTI, A. **A paratopia criadora de Jane Austen: uma autora feminista?** São Carlos, 2013.

MUECKE, D. **Ironia e o irônico**. Tradução Geraldo Gerson de Souza. [S.l.]: São Paulo: Perspectiva, 1995.

NASCIMENTO, S. M. do. **Uma leitura política dos casamentos no romance Orgulho e Preconceito (1813) de Jane Austen**. 2012.

PACHECO, M. R.; SOUZA, F. F. de. A representação da voz feminina nas personagens centrais de Austen em Emma e Orgulho e Preconceito. **Revista Avelavra**, ed, v. 11, n. 1º, 2011.

QUEIRÓZ, T. **Realismo - Naturalismo. Clube da leitura Jane Austen**. Disponível em: <http://thaniaqueiroz.blogspot.com.br/2013/11/realismonaturalismo.html,2013>.

VASCONCELOS, S. G. T. **Construções do feminismo no romance inglês do século XIII**. [S.l.: s.n.], 1995.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. São Paulo: L&PM, 2013.